



# FUNDAÇÃO D. LUIS

## PROGRAMAÇÃO

2º e 3º trimestres 2019

---



## maio

**INSTANTES DECISIVOS** (exposição, fotografia)  
Centro Cultural de Cascais | 9 maio a 14 julho

**MICHAEL CUNNINGHAM**  
Residências Internacionais de Escrita | maio a julho

**DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS** | Noite Europeia dos Museus  
Bairro dos Museus | 18 maio | Entrada livre

**ARTEMAR 2019**  
Paredão do Estoril | 25 de maio a 23 de junho

## junho

**YAMAMOTO SOHEI**  
Centro Cultural de Cascais | 28 de junho a 31 de agosto

## julho

**ANTONIO LÓPEZ**  
Centro Cultural de Cascais | 05 julho a 12 outubro

**PAULA REGO: *LOOKING IN*** (exposição, gravura)  
Casa das Histórias Paula Rego | 11 julho a 17 novembro  
**PAULA REGO: ANOS 80:** patente até 23 de junho.

**DIDO & AENEAS, Nova Ópera de Lisboa**  
Auditório do Casino Estoril | 9 e 10 julho | 21h30

## setembro

**HOMENAGEM A WALTER HILL** (cinema)  
Auditório do Centro Cultural de Cascais | 13, 14 e 15 setembro

**ROSA RUBIO** (exposição)  
Centro Cultural de Cascais | 20 de setembro a 24 de novembro

# maio

## INSTANTES DECISIVOS (exposição, fotografia)

Centro Cultural de Cascais | 9 maio a 14 julho

Comissária: María Toral

A Fundação Dom Luís I traz pela primeira vez a Portugal alguns dos melhores instantâneos dos maiores fotógrafos do século XX: Man Ray, Robert Doisneau, Alfred Stieglitz, Carlos Saura, Elliot Erwit, Alberto Korda, Cartier-Bresson, entre muitos outros. Um conjunto único de obras fotográficas, pertencente à “Colección Himalaya”, acervo do colecionador espanhol Julián Castilla.

**Alfred Stieglitz** (1864 – 1946) foi o primeiro fotógrafo a ter as suas fotografias expostas num museu. Sobre a arte de fotografar dizia: «A realidade fotográfica é de tal forma subtil que chega a ser mais real que a própria realidade.»

**Man Ray** (1890 – 1976) fundou, com Marcel Duchamp, o grupo dadá nova-iorquino, tendo sido mais tarde figura central do surrealismo em Paris. Foi pintor, cineasta e fotógrafo. Dizia não fotografar a natureza: «Eu fotografo as minhas visões.»

**Robert Doisneau** (1912 – 1994) foi um dos fotógrafos mais célebres de França, influenciado por nomes como Cartier-Bresson. Artista apaixonado pela rua, é famosa esta afirmação: «As maravilhas da vida quotidiana são tão entusiasmantes. Nenhum realizador consegue encontrar o inesperado que se encontra nas ruas.»

**Robert Capa** (1913 – 1954), fotógrafo de guerra, esteve presente nos mais importantes conflitos da primeira metade do século XX. Segundo este, «não é necessário recorrer a truques em fotografia. Não é necessário pôr nada diante de uma câmara. As fotografias estão aí à espera que as façam. A verdade é a melhor fotografia, a melhor propaganda.»

As quase 80 peças representadas nesta exposição fazem parte de um conjunto resultante da paixão de Julián Castilla, colecionador espanhol responsável por um *corpus* artístico único, integrando pintura, escultura e fotografia, a «Colección Himalaya», pautada por uma grande diversidade de propostas estéticas. Deste conjunto, surge a exposição «Instantes Decisivos», que aborda uma miríade de temas. Não estamos só perante obras imprescindíveis das vanguardas que viriam a marcar o século, como «O Violino de Ingres» de Man Ray, mas também de retratos únicos e pessoais de artistas como Juan Miró e Picasso. Para além disto, são-nos apresentados momentos históricos-chave, pela lente de Carlos Saura e Alberto Korda. Conhecem-se os rostos das ruas de Cartier-Bresson ou de Robert Doisneau. No outro lado do espetro, é-nos dado a conhecer um retrato da atriz Audrey Hepburn, por Terry O'Neil. Trata-se de um verdadeiro itinerário pelo século XX, desde 1930 a 1960; testemunho de uma época ímpar, espelhada no surgimento de movimentos artísticos fundamentais para a história de arte, como a conhecemos hoje.

A Fundação Dom Luís I reúne artistas de diferentes nacionalidades, nas próximas exposições do Centro Cultural da Cascais. A organização é feita em conjunto com a Câmara Municipal de Cascais, no âmbito da programação do Bairro dos Museus.

## **maio**

### **MICHAEL CUNNINGHAM**

#### **Residências Internacionais de Escrita | maio a julho**

Inaugurado em outubro de 2018, o Programa de Residências Internacionais de Escrita Fundação Dom Luís I, com comissariado da escritora e jornalista Filipa Melo, acolherá em Cascais até 2020 cinco autores de valor e prestígio reconhecidos internacionalmente, a saber, o romancista francês Olivier Rolin (outubro a dezembro de 2018), o romancista norte-americano Michael Cunningham (maio a julho de 2019), o romancista inglês Jonathan Coe (outubro a dezembro de 2019), o romancista espanhol Javier Cercas (abril a junho de 2020) e o romancista cabo-verdiano Germano Almeida (outubro a dezembro de 2020).

Organizadas pela Fundação Dom Luís I, no âmbito da ação cultural da Câmara Municipal de Cascais, e efetuadas exclusivamente por convite (orientado pela diversidade de origem dos escritores e pela sua dimensão internacional de reconhecimento por parte do público e da crítica), as Residências Internacionais de Escrita Fundação D. Luís I permitem a cada escritor-residente uma estada de dois meses na vila de Cascais, fornecendo-lhe um espaço para alojamento e um espaço para criação e solicitando-lhe a participação em iniciativas de divulgação do seu trabalho e de intercâmbio com agentes culturais portugueses; nomeadamente, a participação num jantar quinzenal com convidados (Book Dinner Club), a participação num festival literário fora de Lisboa e numa Masterclass aberta ao público e a estudantes de Escrita de Ficção. O envolvimento do autor-residente na comunidade é incentivado, embora o objetivo principal da sua estada seja a escrita.

Os autores-residentes ficam hospedados no hotel Pestana Cidadela Cascais/Pousada Art District, parceiro privilegiado do Programa de Residências Internacionais de Escrita Fundação Dom Luís I.

O programa conta igualmente com parcerias ativas com a Booktailors (empresa líder nas áreas de consultoria editorial, formação profissional para a área do livro, agenciamento literário e organização de eventos literários) e o programa de Pós-graduação em Escrita de Ficção da Universidade Lusófona (precursor a nível nacional) e com a colaboração com as editoras dos escritores-residentes e as câmaras municipais organizadoras dos festivais literários fora de Lisboa nos quais participarão, nomeadamente em Matosinhos e Viseu.

Esperamos construir um legado como programa internacional de residência de escrita que hospeda autores de todos os géneros e de todo o mundo, permitindo-lhes mergulharem num ambiente de refúgio propício para relaxar e criar novos trabalhos, bem como contactarem de forma privilegiada com Portugal e a cultura portuguesa.



Fotografia por Olivier Rolin, Cascais 2018

**Testemunho de Olivier Rolin, escritor-residente entre outubro e dezembro de 2018:**

«Portugal sempre me acolheu muito bem, desde a tradução do meu segundo livro, há... 30 anos! Mais uma vez, foi assim. TUDO me foi agradável: o mar diante da janela; os barcos e as nuvens; os faróis à noite (sou um pouco marinheiro); a beleza da Cidadela e do hotel que nela se dissimula de um modo tão discreto, tão elegante; a amabilidade, não, mais do que isso, a atenção constante e muito afetuosa dos meus anfitriões, os da Fundação Dom Luís I, bem como os da pousada Pestana Cidadela Cascais; a Língua Portuguesa, na qual (finalmente!) fiz progressos; a presença na cidade de Lisboa, ao mesmo tempo próxima e distante, no término desse pequeno comboio a bordo do qual por vezes temos a impressão de estar num barco...

Ah, quase me esquecia: e os charutos do Professor Salvato!

De qualquer forma: já tenho saudades da minha estada em Cascais...

Ali escrevi quase 150 páginas. Senti-me verdadeiramente em casa; não compreendo, aliás, por que já lá não estou!

Obrigado, e até breve!»

● **MICHAEL CUNNINGHAM** | Escritor residente de maio a julho de 2019

Nasceu a 6 de Novembro de 1952, na cidade de Nova Iorque. Cresceu e estudou em Cincinnati, no estado do Ohio, onde, com apenas quinze anos de idade, tomou a decisão de se tornar escritor, ao ler o romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, num volume que uma apaixonada o desafiara a ler. Diplomou-se em Literatura Inglesa pela Universidade de Stanford em 1975, e fez concluiu, em 1980, na Universidade do Iowa um mestrado em Belas Artes. Publicou o primeiro romance, *Uma Casa no Fim do Mundo*, em 1990, com reconhecimento imediato por parte da crítica e da Fundação Guggenheim, que lhe atribuiu uma bolsa no ano de 1993. Seguiu-se a escrita de *Sangue do Meu Sangue* (1995), romance em que o autor descreve os problemas da família Stassos, apresentando uma perspectiva original sobre as relações entre o passado e o futuro. Em 1998, publicou *As Horas*, obra em que presta homenagem ao romance que inspirou a sua carreira: *Mrs. Dalloway*. Com a acção narrativa repartida entre a Greenwich Village dos anos 1980, a Los Angeles da década de 1940 e a Londres de Virginia Woolf, o livro foi recebido pela crítica como um projecto ambicioso, mas bem sucedido, o que se confirmou com a atribuição dos prémios Pulitzer e Pen/Faulkner na categoria de

Ficção. *As Horas* foi adaptado para cinema em 2002, com nomes como Nicole Kidman, Meryl Streep e Julianne Moore no elenco. Seguiram-se os romances *Dias Exemplares* (2005), *Ao Cair da Noite* (2010) e *A Rainha da Neve* (2014). Michael Cunningham vive em Nova Iorque.

- **JONATHAN COE** | Escritor residente de outubro a dezembro de 2019

Nasceu em Birmingham, em 1961. Estudou no Trinity College, em Cambridge, tendo-se doutorado na Warwick University. Ensinou Poesia Inglesa nessa mesma universidade e trabalhou depois como músico profissional, compondo jazz e músicas de cabaré. Trabalhou também como revisor de textos legais antes de se tornar escritor e jornalista freelancer. Além de *A Vida Privada* de Maxwell Sim (nomeado para o International IMPAC Dublin Literary Award 2012), em Portugal estão publicados os romances *Os Anões da Morte*, *Que Grande Banquete!* (John Llewellyn Rhys Prize 1995 e Prémio do Melhor Livro Estrangeiro de 1996 em França), *A Casa do Sono* (Writers' Guild Best Fiction Award 1997, Prémio Médicis Étranger 1998 e I Prémio Europeu dos Jovens Leitores), *Rotters' Club* (Bollinger Everyman Wodehouse Prize 2001), *O Círculo Fechado* (finalista do International IMPAC Dublin Literary Award 2006) e *A Chuva Antes de Cair*. Em 2004, Jonathan Coe foi nomeado Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras em França. Jonathan Coe vive em Birmingham.

- **JAVIER CERCAS** | Escritor residente de abril a junho de 2020

Nasceu em Ibahernando, Cáceres, em 1962. Os seus livros foram traduzidos para mais de trinta línguas e obtiveram diversos prémios, entre eles: Prémio Nacional de Literatura, Prémio Cidade de Barcelona, Prémio Salambó, Prémio da Crítica do Chile, Prémio Llibreter, Prémio Qué Leer, Prémio Grinzane Cavour, Prémio The Independent Foreign Fiction, Prémio Arcebispo Juan de San Clemente, Prémio Cálamo, Prémio Mondello, Prémio Internacional Terenci Moix e The European Athens Prize for Literature. Em 2011, recebeu, pelo conjunto da obra, o Prémio Internacional do Salão do Livro de Turim pelo conjunto da sua obra. Em Portugal, foram publicados os seus livros *Soldados de Salamina*, *A Velocidade da Luz*, *Anatomia de um Instante*, *As Leis da Fronteira* (vencedor do Prémio Literário Casino da Póvoa / Correntes d'Escritas 2016), *O Impostor* e *O monarca das Sombras*. Javier Cercas vive em Barcelona.

- **GERMANO ALMEIDA** | Escritor residente de outubro a dezembro de 2019

Nasceu na ilha da Boa Vista em 1945. Licenciou-se em Direito na Universidade Clássica de Lisboa. Vive em São Vicente onde, desde 1979, exerce a profissão de advogado. Publicou as primeiras histórias na revista *Ponto & Vírgula*, assinadas com o pseudónimo de Romualdo Cruz. Estas histórias foram publicadas em 1994 com o título *A Ilha Fantástica*, que, juntamente com *A Família Trago*, 1998, recriam os anos de infância e o ambiente social e familiar na ilha da Boa Vista. Mas o primeiro romance do autor foi *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*, em 1989, que marca a rutura com os tradicionais temas cabo-verdianos. *O Meu Poeta*, de 1990, *Estórias de Dentro de Casa*, de 1996, *A Morte do Meu Poeta*, de 1998, *As Memórias de Um Espírito*, de 2001 e *O Mar na Lajinha*, de 2004, formam o que se pode considerar o ciclo mindelense da obra do autor. *O Dia das Calças Roladas*, 1992 e *Os Dois Irmãos*, 1995, têm por base histórias realmente acontecidas, no ambiente rural de Santo Antão e São Tiago. *Estórias Contadas*, 1998, e *Dona Pura e os Camaradas de Abril*, 1999, o mais pícaro dos seus romances, *Viagem pela História das Ilhas*, 2003, *Eva*, 2006, *A Morte do Ouvidor*, 2010, *Do Monte Cara se Vê o Mundo*, 2014, *Regresso ao Paraíso*, 2015 e *O Fiel Defunto*, 2018 completam a obra publicada por Germano Almeida até ao momento. Tem obras publicadas no Brasil, França, Espanha, Itália, Alemanha, Suécia, Holanda, Noruega e Dinamarca, Cuba, Estados Unidos, Bulgária, Suíça. Foi distinguido recentemente com o principal prémio literário em língua portuguesa, o Prémio Camões 2018. Vive no Mindelo, ilha de São Vicente, Cabo Verde.

## maio

### **DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS | Noite Europeia dos Museus**

**Bairro dos Museus | 18 maio | Entrada livre**

Programação a consultar em folheto enviado em anexo.

## maio

### **ARTEMAR 2019**

**Fronteiras líquidas** Carlos Menino | Teresa Braula Reis | Carlos No | Cecília Costa

**Paredão do Estoril | 25 de maio a 23 de junho**

Comissária: Luísa Soares de Oliveira

«O projecto Artemar regressa ao paredão do Estoril. Manteve-se este ano o formato das últimas edições, ou seja, uma exposição realizada no início da época balnear, resultado de convites pessoais a um número reduzido de artistas. Contudo, pediu-se desta vez aos artistas que reflectissem e trabalhassem sobre o conceito de “fronteira líquida”. Os resultados, na sua diversidade, excederam em muito todas as expectativas que se poderiam ter imaginado. O que é uma fronteira? No seu mais elementar sentido, constitui um limite convencional entre dois territórios ou países. Trata-se de uma palavra que surge na topografia, na delimitação de soberanias, no desenho de mapas geográficos e geopolíticos. Pode, evidentemente, ser utilizada no sentido metafórico, mas nunca perderá, nessas circunstâncias, a sua denotação primeira: a fronteira institui um corte, uma barreira nunca facilmente ultrapassável entre o aquém e o além. Por vezes, como a história nos tem demonstrado tão bem em tempos recentes, esse limite quer-se imutável, eterno, fechado, elevado, e mesmo, infelizmente, entre um “nós” e um “outrem”. Dito de outra forma, físico, matérico, intransponível, eterno.

Contudo, uma fronteira líquida<sup>1</sup> parece contrariar estes pressupostos. A matéria em estado líquido adequa-se a qualquer forma, o que significa também que não possui a estabilidade visível que habitualmente associamos à palavra fronteira. E, contudo, as fronteiras encontram-se com frequência sobre a água, quer se trate do mar, de um rio ou de um lago. Estas fronteiras geográficas e políticas não se materializam em cancelas ou barreiras, mas sim na própria acção dos homens, tanto aqueles que as vigiam (que as defendem) como dos outros que as pretendem passar. Temos hoje bem presentes as imagens de refugiados que tentam atravessar o Mediterrâneo, essa fronteira mítica que existe desde a Antiguidade, e dos dramas que elas revelam ou encobrem. Em todas elas, a fisicalidade da fronteira é concretizada num elemento sólido: balsa, fragata ou praia. É sempre aqui que a fronteira, o limite inultrapassável (ou não) se revela.

Contudo, estamos no Estoril, no paredão das praias da Costa do Sol que nesta altura se enchem de veraneantes à procura de lazer e bom tempo. O paredão, na sua fisicalidade que é também parte da paisagem, é ele próprio um limite onde as obras realizadas pelos artistas participantes se misturam com o quotidiano do público, fazendo parte do seu dia-a-dia, acrescentando sentidos múltiplos à sua passagem pelo local. É certo que um paredão, este muro que é também passeio, partilha diversas características com a fronteira: é um local de

passagem e não de permanência; é uma via divisória entre a terra e a praia (também ela local de passagem e nunca de morada permanente); é, enfim, um não-lugar no sentido antropológico, já que a sua vivência é diversa e distinta consoante o seu utilizador seja o transeunte *flâneur*, aquele que aqui trabalha ou ainda o artista que elege precisamente tal lugar e não outro para expor o seu projecto. De todos os artistas presentes nesta edição de 2019, Carlos Menino e Teresa Braula Reis escolheram precisamente a apropriação de características práticas do lugar: o primeiro, com uma peça feita de elementos de madeira que perfazem exactamente o comprimento do Paredão, e a segunda, com uma derivação sobre elementos de *design* urbano em diferentes materiais e dimensões. Carlos No, por seu lado, numa abordagem mais ligada à actualidade política, criou *Sirocco*, uma declinação da imagem mais comum da fronteira, a cancela, associada ao nome de um vento quente que sopra desde o Saara até ao sul da Europa. Cecília Costa por fim, apresenta-nos uma acção performativa e efémera que é também uma ultrapassagem real e simbólica de todas as fronteiras: a da gravidade para a leveza, a da terra para o mar.» **Luísa Soares de Oliveira**

## junho

### CASCAIS MOSCOW PIANO QUARTET

Centro Cultural de Cascais | 23 junho

Schumann: Quarteto com Piano em mi bemol maior

Chausson: Quarteto com Piano em lá maior

O Cascais MPQ, anterior Moscow Piano Quartet, que em 2018 comemorou os 25 anos como quarteto residente de Cascais, apresenta este ano cinco programas ecléticos, que percorrem obras centrais do repertório de música de câmara clássico e romântico, como o Quarteto com piano n.º 1 de Mozart, o Trio com piano n.º 2 e o Quinteto “A Truta” de Shubert, o Quarteto com piano de Schumann e o Quarteto com piano n.º 3 de Mendelsshon; obras menos ouvidas, sobretudo de compositores do último romantismo e da transição para o século XX e para o modernismo, como Ernest Chausson, Joseph Suk e Gabriel Fauré; e obras de compositores de tendência nacionalista, como Glinka, expressionista, como Martinu, ou neoclássica, como Armando José Fernandes.

## junho

### YAMAMOTO SOHEI

Centro Cultural de Cascais | 28 de junho a 31 de agosto

Yamamoto Sohei (13 de julho de 1980, Tóquio) cresceu em Fujieda, na prefeitura de Shizuoka, onde começou a exhibir. É licenciado pela Academy of Art University de São Francisco (EUA).



Com um livro publicado (*Yamamoto Sobei: O mundo é feito de estórias*, Ed. Kyuryudo Art Publishing Co. Ltd.) e exposições por todo o Japão, estreia-se em solo português, no Centro Cultural de Cascais. A sua obra pictórica captura momentos comuns, sobretudo do dia-a-dia japonês, tratando-se de um testemunho da vida cotidiana como forma de riqueza.

O artista transporta agora o desejo de transmutar o ordinário em arte para a realidade portuguesa, na mostra intitulada “Portugal – Poesias sem Números.” Sobre a exposição diz “Ao desenhar este país, apercebi-me de que a humanidade nada tinha perdido.”

A inauguração no dia 28 de julho, às 18h30, será acompanhada de uma *performance* por parte de um grupo de dança tradicional japonesa.

## julho

### ANTONIO LÓPEZ

**Centro Cultural de Cascais | 05 julho a 12 outubro**

Curadora: Anne Morin

120 photographic sequence (unique vintage Kodak prints and Polaroids)

15 vintage journal sheets (framed)

3 Super 8mm films in DVD (3min /each)

Antonio López (1943, Utuabo, Porto-Rico – 1987) foi um famoso ilustrador e fotógrafo de moda, cujos trabalhos se tornaram conhecidos pela subversão da linguagem visual, imortalizados nas páginas de publicações como a *Harper's Bazaar*, *Vogue*, *Elle* ou *The New York Times*.

Na década de 50, mudou-se com a família para Nova Iorque, onde cedo se mostrou uma promessa, fazendo desenhos para a mãe, que era costureira. Aí, concluiu a formação no Fashion Institute of Technology.

López ficou célebre por ter dado a conhecer nomes como Pat Cleveland, Tina Chow, Jerry Hall, Grace Jones e Jessica Lange, com quem formou amizades duradouras. Colaborou estreitamente com o *designer* Charles James, criando um inventário ilustrado do seu trabalho (agora na coleção do Chicago History Museum). Com o amigo e parceiro, Juan Ramos, mudou-se mais tarde para Paris, onde trabalhou com figuras como Karl Lagerfeld e Yves Saint Laurent, entre muitas outras.

A presente mostra, com curadoria de Anne Morin, explora vários aspetos do que foi apelidado pelo *The New York Times* como o “maior ilustrador de moda do mundo”: a ilustração, a fotografia e um documentário sobre o seu processo criativo.

# julho

## PAULA REGO: *LOOKING IN* (exposição, gravura)

Casa das Histórias Paula Rego | 11 julho a 17 novembro

Curadora: Catarina Alfaro

A obra gráfica de Paula Rego reunida, como nunca a viu antes. São 182 peças (desenhos, chapas de zinco, gravuras), onde se incluem doações de Paula Rego, através de Nick Willing, que decidiram completar a coleção de obra gráfica pertencente à Câmara Municipal de Cascais/Fundação D. Luís I/Casa das Histórias Paula Rego, dando oportunidade exclusiva para conhecer esta faceta da autora.

*Fazer desenhos desta maneira não é como desenhar só por desenhar o que se vê, pelo prazer de observar o modelo ou de fazer o desenho; desenhar algo como isto é mais como criar uma história em termos visuais. E também é um mundo em que vais penetrar: se tens uma pequena chapa de gravura e estás a desenhar nela, o mundo que estás a criar vai da tua cabeça para a chapa; **não é olhar para fora, é olhar para dentro, talvez seja de facto como escrever.***

(Paula Rego, 1999)

«Apesar de Paula Rego ter realizado gravuras entre 1952 e 1956, enquanto jovem estudante da Slade School of Fine Art, será só a partir do final dos anos 1980 que iniciará consistentemente esta prática que inclui, para além da ponta-seca, água-forte e água-tinta, a litografia. Se já na pintura a artista desenvolve narrativas que não se esgotam numa única obra, a utilização das técnicas da gravura permite-lhe multiplicar as histórias a partir do desenvolvimento de séries temáticas, intensificando todo o seu sentido narrativo através de desdobramentos e intersecções imagéticas. Os desvios narrativos que ensaia nos desenhos preparatórios que antecipam a obra final (geralmente pintada) ou nos desenhos que inscreve na pedra litográfica ou na chapa de zinco são, também eles, o vívido registo das possibilidades exploratórias e variações imagéticas na sua obra onde o desenho, a pintura e a gravura são complementares.

Integrada na multifacetada prática artística de Paula Rego, na qual o exercício do desenho funciona desde sempre como matriz e energia transfiguradora, a opção pela técnica da gravura é uma constante e a sua análise essencial para alcançar a vastíssima dimensão da sua obra. A artista encontrará na gravura um caminho de continuidade que lhe permite recuperar a ligação ao processo automático que é para si, e desde a infância, a prática do desenho, interrompido, até certo ponto, no início dos anos 1990. Por outro lado, a manifesta componente física que a resistência do suporte exige, permite-lhe concentrar-se e confrontar-se com as possibilidades infinitas desta técnica, desenvolvendo-se a história como uma resposta aos elementos formais decididos pelo desenho inscrito na chapa.

“Gosto da incisividade do desenho. É extremamente físico e o teu contacto com a superfície é firme e decisivo. As imagens contam histórias mas por vezes não de uma forma muito directa, e podes começar com uma história e acabar com outra diferente, e por vezes aquela com que acabas é o oposto daquela com que começaste e os teus sentimentos... os teus sentimentos... Tens de confiar na imagem, porque é a imagem que estás a fazer que te

diz o que está dentro de ti, e o que realmente sentes às vezes não é muito simpático. E no fim descobres quem és afinal.”

Este testemunho da artista, proferido a propósito do seu trabalho em gravura durante uma das sessões de trabalho no Curwen Studio, revela um pleno conhecimento do elemento intuitivo que está sempre implícito nesta técnica, uma vez que o seu resultado não é imediato e exige uma capacidade de antecipação das texturas e superfícies, das cores que por vezes se adicionam, das zonas de luz e sombra, do que se quer revelar ou ocultar. Esta exposição reúne uma significativa parte da obra gráfica da artista, alguns desenhos preparatórios concebidos para a execução das gravuras, as chapas de zinco em que o processo de gravação decorreu e inclui os seus trabalhos de gravura mais recentes e menos conhecidos.» **Catarina Alfaro**

## julho

### **DIDO & AENEAS** pela Nova Ópera de Lisboa

**Auditório do Casino Estoril | 9 e 10 julho | 21h30**

A Nova Ópera de Lisboa, em parceria com a Fundação D. Luís I e o Casino Estoril, traz à cena a obra *Dido and Aeneas*, do compositor barroco Henry Purcell, uma ópera em um Prólogo e três Actos. Na base está a famosa história de amor entre Dido, a rainha de Cartago, e Eneias, o herói troiano, e o desespero fatal quando este se vê forçado a deixá-la. Como preâmbulo para a ópera, o programa conta ainda com uma versão coreografada da *suite* orquestral *Abdelazer*, do mesmo compositor. Um espetáculo único que junta música, representação e dança.

A Nova Ópera de Lisboa é uma companhia de Ópera e Musicais formada por jovens músicos portugueses. Desde a sua fundação em 2014, a companhia apresentou o musical *Chicago* (Kander, Ebb e Fosse) no Auditório do Casino Estoril, a ópera *Così fan tutte* (W. A. Mozart) no Teatro Trindade INATEL, e mais recentemente a ópera *Treemonisha* (S. Joplin) no Teatro Armando Cortez – Casa do Artista, tendo ainda acompanhado o músico brasileiro Gilberto Gil na sua tournée europeia “Preludio”. A companhia tem como objetivos estimular a criação de novos públicos e contribuir para a dinamização da cultura em Portugal, oferecendo aos jovens que a integram a oportunidade de apresentarem e aperfeiçoarem o seu trabalho, abrindo portas para uma carreira de futuro. Este projeto conta ainda com a orientação artística de profissionais estabelecidos, que garantem um alto grau de qualidade a todas as suas apresentações.

## setembro

### CICLO DE HOMENAGEM A WALTER HILL

Auditório do Centro Cultural de Cascais | 13, 14 e 15 setembro

Coordenador: Vasco Teles de Menezes

«Nome fulcral na revolução ocorrida em Hollywood na gloriosa década de 1970, Walter Hill assume-se como o legítimo herdeiro dos grandes mestres do cinema de género. Revisitando todo um património clássico com a singular sensibilidade de um *action auteur*, é também um extraordinário cronista da masculinidade americana. Por ocasião do 40º aniversário de um dos seus títulos mais marcantes, “The Warriors/Os Selvagens da Noite”, este ciclo propõe uma viagem por uma série de obras lacónicas, de apurado sentido visual e singela poesia *pulp*.» **Vasco Teles de Menezes**

Filmes a exibir: *The Warriors*, *Hard Times*, *Wild Bill*, *Red Heat*, *Long Riders* e *Streets of Fire*.

## setembro

### ROSA RUBIO (exposição)

Centro Cultural de Cascais | 20 de setembro a 24 de novembro

Rosa Rubio (1961, Madrid) é uma artista plástica e restauradora do Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía. Estreia-se em Portugal com PRAXIS, um projeto que parte do termo grego para pensar os sete pecados mortais, através de um trabalho interdisciplinar que engloba diversas técnicas (pintura, grafite, gesso, cerâmica, sal e instalação material de vídeo).

A representação dos Sete Pecados tem base numa grande diversidade iconográfica, aparecendo como cabeças de pássaros, formas de bustos irregulares, pontos e círculos, entre outras.

O símbolo do círculo é o eixo condutor do projeto. Assume-se como figuração da alma, enquanto parte espiritual dos pecados mortais da carne. Sintetiza a relação mística entre o devir e o decorrer do tempo e une-se à presença do número sete "como sinal de pensamento, espiritualidade, consciência e sabedoria.”

## e ainda...

### EM VOZ ALTA OS NOSSOS POETAS

Casa Sommer | Sábados às 18h30 | Entrada gratuita

A Fundação Dom Luís I junta-se, pelo segundo ano consecutivo, aos Artistas Unidos, para celebrar a obra de grandes poetas nacionais. Jorge Silva Melo, Lia Gama, Maria João Luís e Catarina Wallenstein, entre outros atores, vão estar na Casa Sommer para dizer “Em Voz Alta” a poesia de autores como Camões, Mário Cesariny, Jorge de Sena ou Carlos de

Oliveira. As sessões de Em Voz Alta, os nossos Poetas surgem de uma parceria entre a Fundação Dom Luís I, a Câmara Municipal de Cascais e o grupo de teatro Artistas Unidos.

### 25.05

Mário Cesariny, por Maria João Luís e Jorge Silva Melo

### 03.06

Poesia Infanto-Juvenil na Escola Básica Malangatana de Alcoitão

### 21.09

Novíssima Poesia Portuguesa por João Pedro Mamede, Nuno Gonçalo Rodrigues e Jorge Silva Melo

## **CÁTEDRA CASCAIS INTERARTES *Cascais, crossroad of the arts***

### **Centro Cultural de Cascais**

Uma das missões da Cátedra Cascais Interartes é a atribuição de bolsas de apoio à investigação sobre criadores ligados a Cascais ou a tópicos a eles associados. Neste quadro, e devido à disponibilidade da Fundação D. Luís I, foram atribuídas três bolsas integrais a Ana Maria Ângelo Marques da Silva, Guilhermina Lopes e Rita Novas Miranda, respetivamente autoras dos projetos *Ana Hatherby: Programabilidade e Criação*, *Fernando Lopes-Graça e a Literatura Moderna Brasileira* e *Mãos Oblíquas*, com resultados a serem apresentados no Centro Cultural de Cascais.

#### **Fernando Lopes-Graça e a Literatura Moderna Brasileira**

19 maio - 17h | Conferência: Fernando Lopes-Graça e

a Literatura Moderna Brasileira: suas abordagens musicais de Manuel Bandeira e Jorge

Amado por Guilhermina Lopes

26 maio - 17h | Recital: „Fernando Lopes-Graça e a Poesia Brasileira”, por Guilhermina Lopes, soprano, e Carla Ruaro, pianista.

Desenhando as relações de Fernando Lopes-Graça com a Literatura Brasileira, A Cátedra Cascais Interartes, organiza uma conferência com título "Fernando Lopes-Graça e a Literatura Moderna Brasileira: suas abordagens musicais de Manuel Bandeira e Jorge Amado". A relação do autor com o meio intelectual brasileiro compreende duas viagens ao país (1958 e 1969), publicação de textos e apresentação de composições brasileiras em Portugal, composições de temática brasileira e uma vastíssima correspondência. Destas ligações, a palestra toma por tema a que o ligou ao romancista Jorge Amado (1912-2001) e ao poeta Manuel Bandeira (1886-1968).

Com foco na relação entre Fernando Lopes-Graça e o meio musical e literário brasileiro, o recital comentado *Fernando Lopes-Graça e a poesia brasileira* contempla algumas canções com as quais o compositor teve contato durante sua primeira visita ao Brasil em 1958, por ocasião de um recital/sarau dedicado a Manuel Bandeira, em que, apresentando-se com o tenor António Saraiva, dividiu o palco com a soprano Lia Salgado e Francisco Mignone ao piano. Também fazem parte do programa canções brasileiras apresentadas em Portugal na década de 40 nos concertos da sociedade Sonata, de cuja fundação e direção Lopes-Graça participou. Destaca-se a presença da sua canção *Desafio*, composta em 1958 sobre um poema de Manuel Bandeira, resultado dessa circulação

cultural. Comemoram-se 60 anos de sua estreia, no Ateneu Comercial do Porto, em 1959, com o tenor Fernando Serafim e o compositor ao piano.

### **Mãos Obíquas**

29 junho - 18h30 | Apresentação do Site Mãos Obíquas

O website “Mãos Obíquas”, que será apresentado por Rita Novas Miranda, é um projeto de investigação que parte das obras de Ana Hatherly (1929-2015) e de Herberto Helder (1930-2015), para pensar a sua potência interartística. Em Hatherly esta potência concretiza-se tanto conceptualmente quanto se estende à prática mesma de várias artes (literatura, artes plásticas, cinema). Já em Helder, pelo contrário, é estritamente textual, literária, mas nela dá-se uma intensa aproximação a outras artes, estando em causa não só o uso de vocabulário a elas referente, mas também dos processos através dos quais se dá a ver-

Importa assinalar que tanto Hatherly quanto Helder fizeram parte do movimento da Poesia Experimental em Portugal.

### **Ana Hatherly: Programabilidade e Criação**

29 junho 9h30 - 18h30 | Conferência “Ana Hatherly: Programabilidade e Criação”

3 outubro - 12 janeiro 2020 | Exposição “Ana Hatherly: Programabilidade e Criação”

Pensando o conceito de “programa”, através da reflexão sobre a importância de constrangimentos na produção de objetos artísticos, a Cátedra Cascais Interartes realiza uma conferência com título “Ana Hatherly: Programabilidade e Criação.” O conceito de programa, explorado em termos teóricos e práticos na obra literária e plástica de Ana Hatherly, pretende aqui averiguar a produtividade dos mecanismos criativos associados à exploração de restrições na criação artística. Neste caso, a descoberta destas ferramentas de composição é parte integrante do jogo artístico.

A esta conferência segue-se uma exposição, sob o mesmo signo, com início em outubro de 2019.

**A Cátedra Cascais Interartes – Cascais, crossroad of the arts**, surgiu por iniciativa da Fundação D. Luís I, tendo como objeto de intervenção o Município de Cascais, entendido este como espaço de glocalização cultural e artística, do qual é incontornável a conceção de Bairro dos Museus, e do qual participaram figuras de renome da Literatura portuguesa como Ana Hatherly, Bartolomeu dos Santos, Branquinho da Fonseca, David Mourão-Ferreira, Fernando Lopes-Graça, Herberto Helder, João Abel Manta, João Gaspar Simões, Maria Archer, Maria de Lourdes Martins, Mário-Henrique Leiria, Michel Giacometti, e Ruben A., todos ligados intimamente a Cascais e ao Mundo.

Numa perspetiva inovadora e relevante no quadro dos estudos literários e artísticos contemporâneos, a Cátedra entende como sua natureza e missão promover e apoiar iniciativas que visem contribuir para a divulgação da obra destes autores, cujas obras se caracterizam por um cosmopolitismo e por uma urbanidade indissociáveis da forma como nelas são convocadas outras expressões artísticas.



Para mais informações, contactar:  
Elisabete Pato - Assessora de Comunicação  
Tlm. 962 652 584 | E-mail: [elisabete.pato@fdl.pt](mailto:elisabete.pato@fdl.pt)

Bairro dos Museus -, Avenida Rei Humberto II de Itália, 16, 2750-800 Cascais, Portugal